

Ora a dívida da União em 1998 chegou a aproximadamente 8% do PIB nacional. Qual a expressão que terão os 4 bilhões a 6 bilhões que a Chesf vendida propiciará à fazenda da União? Pagará duas ou quatro semanas de obrigações do Tesouro nacional?

Será muito triste para o Nordeste que já é estigmatizado pela seca, ver o rio São Francisco, ainda hoje chamado de "rio da unidade nacional", ter as decisões sobre o seu destino em mão interesses privados, e talvez, de empresas multinacionais.

O SR. JOAQUIM FRANCISCO (PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, no bojo do atual processo de dificuldades e desafios, conseqüente aos problemas gestados na área econômico-financeira, o velho fantasma do pessimismo volta a assustar o Brasil. É comum mais uma vez ouvir-se, de brasileiros situados nas mais diferentes classes e posições sociais, a também velha expressão "não tem mesmo jeito".

É algo assim como se o brasileiro, sempre que defrontado com situações de crise, perdesse o ânimo, esmorecesse, depusesse as armas, acomodando-se num estado de passividade depressiva do qual somente se refaz com o surgimento de novas sinalizações de esperança e otimismo. Trata-se de processo cíclico, para não dizer ciclotímico. Ele estaria de tal forma arraigado ao nosso inconsciente coletivo, que passa a confundir-se com surtos permanentes de perda de auto-estima, de débito de confiança não somente no futuro do País, mas também e sobretudo na nossa própria afirmação como povo capaz de construir seu próprio destino.

Seria até dispensável ressaltar o quanto isto nos tem prejudicado. Mencione-se, porém, à guisa de ilustração, como o Brasil prospera nas fases de orgulho e brio nacional e o quanto retrocede ou estaciona nos momentos de erosão da autoconfiança.

Na história recente do País, esses dois estados de ânimo se revezam de acordo com circunstâncias, às quais, não raras vezes, se costumam conceder dimensões extravagantes para mais ou para menos. Parece que ficamos sempre na dependência de fatores extremos, inclusive os contingentes e pontuais, para adotarmos uma ou outra posição. É assim como se estivéssemos a carecer de uma linha nítida e definida de valores psicossociais, de caminhos iluminados por sentimentos de sensatez e equilíbrio. A ausência desse norte de conceitos, dessa bússola que nos oriente e proteja de intempéries psicológicas tem-nos sido reversa e, vez em quando, desastrosa.

Aqui não se está a sugerir nenhuma fórmula vazia e vesga de panglossismo, de triunfalismo, de

"política de avestruz". Tampouco se está a preconizar uma postura acrítica e irrealista, como se vivêssemos no melhor dos mundos, como se fôssemos a tal ilha de prosperidade em um mar de turbulência universal. Cumpre-nos, ao contrário, estar sempre atentos para a realidade circundante, sem o que a tal "ilha" terminará engolfada pelas ondas provocadas pelo fatos.

Mas também não se está aqui a confundir a crítica necessária, a correta observação dos dados objetivos do cenário factual, com o seu extravasamento para o âmbito do desalento e do negativismo. Não se está aqui a encorajar a frutificação e a disseminação de idéias, palavras e gestos que conduzam ao desespero e à impotência, que encontram terreno fértil na generalização do conceito de que sofremos de despreparo e padecemos de têmpera para superar os momentos de pressão e dilema e consolidar a nossa participação no mundo desenvolvido.

Por que o Brasil não tem jeito? Por que seríamos, os brasileiros, incapazes de realizar os ideais e projetos de outras nações do globo? Por que estaríamos recorrentemente nos deixando infectar por esse vírus de angústia e autodepreciação?

Nenhum aspecto da nossa índole, da nossa formação cultural, da nossa potencialidade geopolítica e humana, a despeito dos seus consabidos senões, justifica tamanho desencanto. Crises, dificuldades, riscos, impasses, injustiças, distorções, flagelos sociais, tudo isso faz parte da eterna saga da humanidade, inscreve-se na trajetória de todos os povos, em todas as etapas da busca do bem-estar e da civilização. Para alcançá-los, cabe instrumentalizar requisitos de que dispomos e que, de certa forma, vimos acionando com êxito em diversas oportunidades.

Não é apanágio nosso, dos brasileiros, o permanente envolvimento com agressões e reptos gerados no epicentro das contradições que correspondem, no plano social, às dúvidas e inquietações da esfera individual. É em momentos assim que se encontram alternativas para progredir. É assim que se fortalecem os homens e as instituições. O planeta inteiro, em todas as suas longitudes e latitudes, sempre foi e é território de marchas e contramarchas, avanços e recuos.

Sem falsas, ilusórias e nocivas manias de grandeza; sem superestima inútil e oca; sem rasgos de retórica tão grandiloqüente quanto vazia, não podemos deixar que o fantasma do pessimismo e do "não tem mesmo jeito" continue a rondar nossas noites de insônia. Estas, devemos aplicá-las na elaboração lúcida de opções para o enfrentamento dos

problemas, o que equivale a dizer, metaforicamente, na administração do antídoto para o veneno da depressão e na aplicação dos instrumentos de exorcismo aos demônios de ceticismo.

É claro que o Brasil tem jeito. É claro que temos, os brasileiros, do que nos orgulhar por sermos o que somos: nem melhores nem piores do que os nacionais das duas centenas de países que conosco dividem o globo, inclusive aqueles que somente se tornaram prósperos e poderosos porque acharam, sim, que tinham jeito.

Era o que tinha a dizer.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PPB – SP. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, nos termos regimentais requeremos a transcrição do pronunciamento de posse do novo Presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores, Sr. Antônio Carlos dos Reis "Salim".

Estivemos presentes na solenidade e registramos o grande número de representantes de vários sindicatos, federações, confederações e centrais, demonstrando a importância dessa posse.

PRONUNCIAMENTO A QUE SE REFERE O ORADOR:

POSSE DO PRESIDENTE DA CGT

Assumo a presidência da CGT, por indicação unânime dos companheiros, em um momento de extremas dificuldades para os trabalhadores e todo o povo brasileiro.

As enormes responsabilidades – entre elas a de honrar a memória de meu predecessor, Enir Severino da Silva – somente poderão ser bem desempenhadas se eu for apoiado, junto com os outros membros de nossa direção, pelos milhões de trabalhadores organizados e representados pelas entidades que se agrupam em nossa CGT.

Não sou sindicalista de promessas, não sou homem de conversa mole. O momento é de crise e exige soluções fortes, criativas, democráticas.

Existem três eixos que orientarão minhas atividades na presidência da CGT.

O primeiro deles é a defesa intransigente dos interesses e conquistas dos trabalhadores. É preciso, com ênfase, combater o desemprego enfrentar e precarização das relações de trabalho e a informatização da mão-de-obra, impedir as perdas salariais e a retomada da inflação e trabalhar para o abaixamento dos juros, propiciando um ambiente econômico e social de investimentos produtivos e de combate à especulação financeira.

O segundo eixo é o trabalho incansável pela organização e representação sindical dos trabalhadores. Os sindicatos, federações e confederações e centrais sindicais, devem ser reforçados em todos os níveis e em todas as ocasiões e nada deve ser feito sem nossa participação ativa e interessada.

A CGT pronuncia-se claramente em defesa da unicidade sindical consagrada em nossa Constituição e trabalha pela retirada de proposta de emenda constitucional que altera nossa estrutura sindical, a PEC nº 623.

De acordo com nossas posições estatutárias e congressuais o arcabouço constitucional não agride a liberdade e autonomia do sindicalismo, não impede o engajamento autônomo de nossas organizações sindicais em convenções, órgãos e entidades internacionais e garante, no âmbito de nossas instituições – no Executivo, no Legislativo e no Judiciário e em toda a sociedade em suma – um papel exclusivo para a representação sindical.

O terceiro eixo que orienta nossas preocupações e ações é a unidade, configurada nesse momento como unidade de ação e que apoiada na unicidade sindical constitucional, abre caminho para a unidade programática e eventualmente a própria unidade orgânica.

Conforme compreendemos e a nossa experiência nos ensina, a unidade de ação deve se manter, sempre, como escopo das iniciativas e garantia de melhores resultados. Ela deve ser construída, de baixo para cima, desde as bases organizadas em categorias até as centrais e abrangendo toda a sociedade.

A unidade de ação facilita o enfrentamento, de acordo com o interesse dos trabalhadores, dos graves problemas existentes e encaminha soluções positivas para as massas de milhões do nosso povo.

Saudamos, neste espírito, a campanha anual da CNBB contra o desemprego e desde já, nos incorporaremos a ela.

Dizem alguns, maus analistas e piores conselheiros, que o sindicalismo está em crise e que é preciso abandonar tudo para sair da crise ou se adaptar a ela. Nada disto.

Para nós, a saída da crise é com o enfrentamento da crise, com a defesa dos interesses e conquistas dos trabalhadores, com o avanço de sua organização e representação sindical e com unidade de ação capaz de nos fazer marchar, mesmo que o caminho a percorrer seja pedregoso e a subida íngreme.

Não sei prometer mas sei que, (como dizem os companheiros argentinos) sem os trabalhadores não